

ARTIGO ORIGINAL

SUBJETIVIDADE HUMANA REVELADA NAS TATUAGENS DE PESSOAS DELITIVAS EM CUMPRIMENTO DE PENA

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N1A2

Bruna Santos **Gonçalves**¹
Gema Galgani da **Fonseca**

RESUMO

A tatuagem era associada à marginalidade e às classes socioeconômicas mais baixas, considerada inicialmente como sinais de contestação ou de comportamentos rebeldes. Lentamente a prática de se tatuar passou a estar presente em todos os níveis da sociedade, implicando mudanças de mentalidade e ressignificação de imaginários. O presente estudo utilizou como referencial teórico a perspectiva psicanalítica, tendo como objetivo refletir sobre a subjetividade humana revelada por meio das tatuagens em pessoas delitivas em cumprimento de pena numa Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). O estudo foi submetido à apreciação ética pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas (FPM) CAEE: 81171717.8.0000.8078. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário elaborado pelas pesquisadoras a partir de um estudo piloto. Além disso, foi utilizada entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por 10 participantes. Dos resultados obtidos por este estudo destaca-se: carências, prejuízos em fases anteriores de desenvolvimento, vivências de conflitos e desamparos relacionados a figura paterna. Do total, seis dos entrevistados revelaram que o sentimento atual que possuem em relação as suas tatuagens é de arrependimento.

16

Palavras-chave: Tatuagem; Emocionalidade; Condenados.

HUMAN SUBJECTIVITY REVEALED IN THE TATTOOS OF OFFICIAL PEOPLE FULFILLING THE PENALTY

ABSTRACT

Tattooing was associated with marginality and lower socioeconomic classes, such as contestation or rebellion. Slowly the practice of tattooing was present at all levels of society, implying changes of mentality and resignification of imaginaries. The present study used as a theoretical reference the psychoanalytical perspective, aiming to investigate on the human subjectivities revealed through the tattoos, by delinquent individuals in compliance with the Apac model. Data collection is done through a semi-structured questionnaire. The sample was made by 10 participants. The results obtained in the tattoos are: deficiencies, damages in previous phases of development,

¹ Endereço eletrônico de contato: psic.brunasgoncalves@hotmail.com

Recebido em 28/08/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 05/03/2020.



experiences of conflict and helplessness related to the father figure. 60% of respondents revealed that the current feeling about their tattoos is regret.

Keywords: Tattoo; Emotionality; Condemned.

SUBJETIVIDAD HUMANA REVELADA EN LOS TATUAJES DE LAS PERSONAS PENALES QUE CUMPLEN LA PENA

RESUMEN

El tatuaje se asoció con la marginalidad y las clases socioeconómicas más bajas, como la contestación o la rebelión. Poco a poco, la práctica del tatuaje estuvo presente en todos los niveles de la sociedad, lo que implica cambios de mentalidad y resignificación de los imaginarios. El presente estudio utilizó como referencia teórica la perspectiva psicoanalítica, con el objetivo de investigar sobre las subjetividades humanas reveladas a través de los tatuajes, por individuos delincuentes que cumplen con el modelo Apac. La recopilación de datos se realiza a través de un cuestionario semiestructurado. La muestra fue realizada por 10 participantes. Los resultados obtenidos en los tatuajes son: deficiencias, daños en fases previas de desarrollo, experiencias de conflicto e impotencia relacionadas con la figura paterna. El 60% de los encuestados reveló que el sentimiento actual sobre sus tatuajes es de arrepentimiento.

Palabras llave: Tatuaje; Emocionalidad; Condenado.

17

1 INTRODUÇÃO

O ato de se tatuar tem se tornado um fenômeno comum, entretanto ainda pouco explorado nas investigações científicas na área da Psicologia. Essa lacuna na literatura ocorre especialmente no tocante a estudos que visam o entendimento das motivações que levam um indivíduo a buscar este tipo de linguagem, uma vez que tais fatores fazem parte de um processo subjetivo (Moreira, Teixeira & Nicolau, 2010). O corpo é pensado em sua plasticidade para, assim, expressar as diversidades históricas e subjetivas, as transformações que o humano realiza no corpo; representam não só os traços narcísicos, hedonistas e consumistas das sociedades contemporâneas, mas, prioritariamente, maneiras do sujeito se constituir subjetivamente, o que demanda um olhar diferenciado daquele que as teorias sobre o social lhe endereçam (Moreira, Teixeira & Nicolau, 2010).

Eco (2007) preconiza que atualmente, piercing e tatuagem podem ser vistos tão somente como desafio geracional e, com certeza, não são mais percebidos como escolha delinqual, pois uma jovem com anel na língua ou com um dragão tatuado no ventre descoberto poderá participar de uma manifestação pela paz ou pelas crianças famintas na África.



Segundo Ribeiro (2010) fundamenta-se que por meio das tatuagens, o corpo recebe uma nova pele, como uma inscrição subjetiva, quando as tattoos não deixam de nos questionar sobre a significação do traço sobre a pele. Considerando que estas possam se referir às questões de respeito, desejo de igualdade ou à tentativa de inserção em um grupo, essas inscrições corporais, assim como outras manipulações irreversíveis do corpo, portam a presença insistente da dor, pelo que **O marco do corte ou da modificação mórbida se torna sede de gozo** (grifo – autor p. 64).

Lazzarini e Viana (2006) assinalam que o corpo, para a psicanálise, não é uma experiência primária e inicia sua construção nos primórdios da experiência humana subjetiva, como ainda na fase intrauterina no corpo da mãe. Assim, o sujeito somente tem acesso ao seu corpo quando o submete a uma série de ações que são mediatizadas sempre no simbólico, quando as tatuagens podem ser vistas como uma tentativa de realização do desejo inconsciente e de acesso a este corpo. Os pontos de gozo infligidos ao corpo são buscas incessantes de uma inscrição que possa ser recoberta por um significante que, ao bordejar o real, promove a reconstrução do sujeito (Ribeiro, 2010). Como se pode apreender através dos saberes adquiridos no contato e trabalho psicológico com recuperandos, em regime de cumprimento de pena na APAC, quando conteúdos psicoemocionais em múltiplas demandas e contextos se revelam através das tatuagens (Pimenta & Fonseca, 2018).

É teorizado e discutido que o sujeito, não tendo mais o outro consistente no qual se apoiar, identifica-se com o resíduo, com o objeto decaído do real (Jacob & Cohen, 2010). Nessas transições entre o mundo real e simbólico em que o sujeito vai demarcando inscrições sobre o corpo, capta-se alguns indícios de subjetividade, como; tentativa de eternização do vínculo materno, busca da identidade pessoal, confirmação de paixões ou amores únicos, homenagem a pessoas que representam perdas e lutos inesquecíveis, episódios de renascimento ou superação de alguma fase decisiva na vida.

As tatuagens (assim como outras formas de body art¹) aparecem como marcas que tentam fazer borda às angústias e como tentativa de apaziguamento momentâneo dos sofrimentos humanos. É preciso escutar a posição de cada sujeito em relação a essas marcas, formas de linguagem que parecem remeter à constituição do eu para então ter uma melhor percepção das suas subjetividades (Macedo, Paravidini, & Próchno, 2014).

Direcionando as discussões especificamente ao termo Body Art (uma das vertentes da arte contemporânea), nota-se que começa a ser utilizado de forma mais intensa a partir da década de 60, relatando práticas na qual o corpo humano se mostra como uma tela ou objeto de arte, apto a receber, por exemplo, tatuagens e/ou piercings embora estas práticas sejam milenares em algumas culturas (Magnani, 2010).

¹ Body Art inclui dentre outros exemplos o uso de tatuagens e piercings, como elementos formadores de identidade dos jovens, que escolhem utilizar seu corpo como tela para o fazer artístico.



Tem-se conhecimento que as tatuagens feitas no sistema prisional são de recursos precários causando ainda mais dor como prova de força do encarcerado, pois a tinta caseira utilizada na maioria das vezes é a de uma caneta esferográfica (Brasil, 1996). Neste ambiente carcerário, segundo Pérez (2006), a tatuagem reforça a condição de marginalidade, próprios de prisões com precárias condições de segurança e vigilância sanitária.

De acordo com Foucault (1987), a prisão é uma instituição repressiva, exclusória, vedada ao domicílio e marginalizada, cujos sistemas penitenciários são o local de disciplinarização desses sujeitos ali dispostos. Assim, compreende o homem como um sujeito passível de ser manipulado pelo coletivo, sob o risco de se tornar um ser com a subjetividade anulada, concebendo que a finalidade dessas instituições é desempossar o encarcerado da sua liberdade e individualidade.

Ferreira (2006) elucida que a tatuagem inserida no contexto da prisão integra o modelo de punição e vigilância dos corpos dos transgressores, ela então é feita de forma espontânea para reivindicar e expressar propriedades deste corpo que agora se encontra punido pelo Estado. Em contextos de reclusão, altamente disciplinados e vigiados, onde se espera que os corpos reajam dócil e receptivamente aos mecanismos de controle, vigilância e disciplina, marcar o corpo passou a corresponder a um ato de resistência simbólica e de emancipação pessoal.

Ribeiro (2010) defende que nosso organismo inclui símbolos e imagens em seu funcionamento, sendo que o que chama atenção tanto nas tattoos quanto nos piercings, é a sua dupla condição de fazer orifício e de acrescentar elementos estranhos como forma de compor o próprio corpo. Assim o corpo passa a ser então um depositário de fantasias inconscientes.

19

Sendo a tatuagem uma forma de simbolismo, possui também referências como figuras com diversas representações. É nesse aspecto que se insere o valor da tatuagem. Ela, em si mesmo já transmite mesmo que pela forma do desenho na pele, uma mensagem a ser interpretada de acordo com quem a vê ou aprecia (Simões, 2011, p. 8).

Pensando junto à psicanálise, o corpo de carne e osso é moldado em uma imagem que é desenhada e recortada pela linguagem, nos fazendo refletir, como aponta Bastos (2009), que as modificações no corpo indicam questões a serem esclarecidas sobre a sua constituição como imagem. O sujeito se vê iludido pela imagem porque é ela que, no início da vida, fornece ao corpo uma unidade, a qual é muito importante para formação da autoestima, identidade, satisfação corporal, aceitação, consciência corporal, trato com desejos frustrados e etc.

Estudo realizado por Ferreira (2007), **entre imagem e escrita: a tatuagem como artefato à subjetividade** (grifo autor - p. 55-63) discute sobre a necessidade de escutar as novas formas de apresentação do sofrimento humano, uma vez que esse se transforma conforme cada contexto e época. É retratado que o mal estar humano não está presente apenas na clínica, mas também através da arte que nos ensina sobre os aspectos mais íntimos da subjetividade humana e sobre os modos de subjetivação de uma época, podendo localizá-lo nas diversas formas de expressões



artísticas como a música, o teatro, o cinema, a escrita e a pintura. Contexto pelo qual a tatuagem é destacada como uma forma de expressão da subjetividade humana.

Frente aos apontamentos, este estudo tem como finalidade refletir sobre a subjetividade humana revelada por meio das tatuagens em pessoas delitivas em cumprimento de pena no modelo Apac.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado através de uma pesquisa de campo de natureza qualitativo transversal, do tipo descritiva, tendo como objeto de investigação os recuperandos em cumprimento de pena na Instituição Associação de Proteção aos Condenados (APAC).

Para a seleção do tipo de amostra, considerou-se os recuperandos em cumprimento de pena em regime fechado, do sexo masculino, entre a faixa etária de 18 a 60 anos de idade, que tem uma ou mais tatuagens inscritas sobre seus corpos. Dos critérios de inclusão; caracterizou-se a livre participação, os que apresentavam bom comportamento e os com maior disponibilidade para contribuir com estudo. E de exclusão; os que não tinham tatuagens, ou que estavam de trabalho externo fora da instituição ou em audiências judiciais no momento da coleta de dados. Assim, do número aproximado de uns 45 internos na época da investigação, apenas 10 recuperandos compuseram esse perfil para fornecimento dos dados, visto que também na instituição Apac os recuperandos podem ser admitidos ou reconduzidos para os Presídios e Penitenciárias; dependendo da condição jurídica e comportamento no cárcere.

20

Como instrumento de pesquisa utilizou-se de um questionário elaborado pelas pesquisadoras por meio de estudo piloto, elaborado e abordando questões relacionadas aos aspectos subjetivos e psicoemocionais da(s) tatuagem(s) (ANEXO A). E acrescido pela entrevista que serviu para esclarecer ou completar pontos do questionário que não foram respondidos com clareza pelo participante.

O estudo foi submetido à apreciação ética pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas CAEE: 81171717.8.0000.8078, tendo sido aprovado sob o parecer n°. 2.559.024. A identidade dos participantes foi preservada e estes foram identificados nos resultados como; participante 01, 02 e assim sucessivamente.

Para coleta de dados além do questionário, a entrevista também foi realizada individualmente e em local adequado (sala de atendimento técnico), respeitando as particularidades e livre expressão de cada recuperando. Ocorreu que para alguns participantes, foi possível seguir o roteiro do questionário obtendo-se todas as respostas a contento; enquanto outros interrompiam a coleta de dados desejando se expressar sobre demais temas, situações

pelas quais esperou-se a disponibilidade do mesmo para retomar a coleta e esta sendo completada pela entrevista.

O projeto de pesquisa, a instituição APAC foi contatada para que fosse esclarecido aos participantes voluntários, os objetivos deste estudo e os informes com os sujeitos pesquisados; como, cada indivíduo que se sentir à vontade em participar assinou o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e somente após foram então aplicados os instrumentos de coleta de dados. Estes aconteceram na própria Instituição APAC, quando os dados foram colhidos e registrados na íntegra conforme respostas emitidas pelos recuperandos, lembrando que muitos perderam o hábito de escrever, ou nem conseguem devido baixa escolaridade.

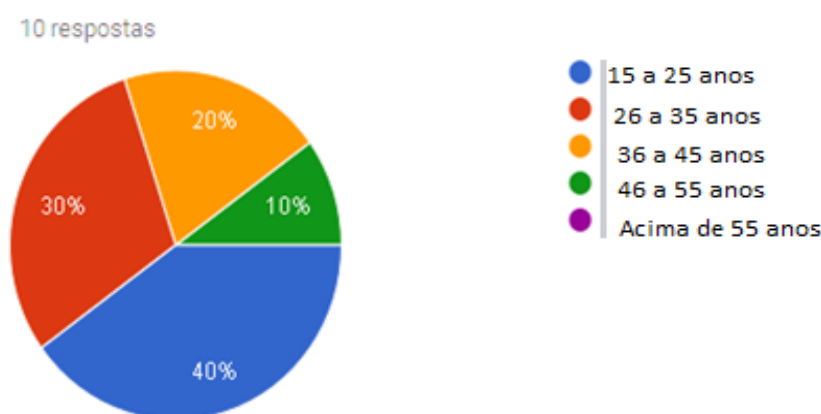
Os resultados da pesquisa foram analisados conforme a subjetividade humana revelada por meio das tatuagens como; os desejos e motivos que levaram o indivíduo a realizar estas, possibilitando-os a novos olhares e compreensão mais partilhada e significativa desse referido grupo de tatuados: criminosos em cumprimento de pena no modelo apaqueano. Nesse sentido, os dados obtidos foram discutidos à luz do referencial teórico a perspectiva psicanalítica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tocante a faixa etária em que as tatuagens foram realizadas, o gráfico 1 apresenta a distribuição da amostra de acordo com idade em que os participantes fizeram suas tatuagens.

21

Gráfico 1 - Distribuição dos participantes conforme faixa etária de realização da tatuagem



De acordo com o gráfico, 40% dos entrevistados realizaram a primeira tatuagem faixa etária de 15 a 25 anos. Visto que a adolescência é marcada pela procura de identidade e independência, pelo desejo de experimentação e de inserção em grupos, a motivação para a



tatuagem surge como aliada desse processo (Carvajal, 2001). Conforme o autor discute ao longo de sua obra, entende-se que no meio dos turbilhões de emoções que esta fase suscita, a tatuagem se traduz como um recurso e fuga para suportar as questões que não são elaboradas por meio da racionalidade.

3.2 Formas de realização das tatuagens

Quanto as formas de realizadas tatuagens, os participantes revelaram em sua maioria que parte das tatuagens foi feita de forma caseira, sem o mínimo de higiene, com materiais que tinham a disposição na hora do anseio de se tatuar.

Fiz a minha tatuagem com um amigo, na casa dele com tinta xadrez de piso e agulha. (P 01).

Eu mesmo fiz minhas tatuagens na minha casa com máquina e tinta profissional. (P 02).

Eu mesmo fiz minhas tatuagens com máquina caseira feita com motor de rádio, biqueira de lapiseira, tinta nanquin vegetal. (P 03).

Para Smith (2012) as memórias nunca serão perenes como as tatuagens: como podemos recordar o passado tal como aconteceu quando o passado já não existe e nosso ato de lembrança é necessariamente sempre em fluxo. Então entendemos que as tatuagens além de narrarem o passado podem nos responder **quem nós somos agora** (grifo autor).

Neste sentido, apreende-se a relação do vivido dessa experiência de investigação empírica sobre as subjetividades dos recuperandos em cumprimento de pena, que as tatuagens traduzem doses de sofrimentos e conflitos experimentados em épocas anteriores ao encarceramento e muita das vezes sem conexão com a criminalidade. E também, sinalizam desejos e sonhos dissipados ao longo do processo de perda da liberdade humana, agora sendo repensados e analisados; [...] a remoção de tatuagens vinculadas ao crime de pessoas que as fizeram no passado somada a questões ideológicas de qualquer natureza, seja profissional, moral, passional, religiosa ou modismo e, hoje, se tornaram entraves nas suas vidas, fazendo com que experimentem inúmeros constrangimentos (Sousa, 2015).

Sobre as motivações e a subjetividade em relação a demarcação do corpo pela tatuagem, ao serem buscados os motivos que levam alguém a tatuar seu corpo inserindo na pele tintas que podem permanecer indefinidamente, nota-se a necessidade de expressar algo que lhe parece significativo, pelo valor estético, moda ou para serem rompidos estigmas, etc. A colocação de piercings e a realização de tatuagens culminam na construção de identidade, sobretudo, do jovem que vivencia períodos de autoafirmação (Magnani, 2010).

Para elucidar a riqueza das falas do entrevistado mencionado a seguir, conforme Freud (1919) nos aponta que a presença do pai na vida de uma criança é importantíssima para a formação de sua estrutura psíquica. Considerando que sem a presença do mesmo não é possível

Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 16-35.



as fantasias, as elaborações obscuras do pensamento, o desenvolvimento progressivo do ler e escrever, quando a metaforização textual se torna acessível a partir do contexto edípico, o pai então é a estrutura mental e psíquica reguladora.

Meu pai era juiz de menor, sempre quis me levar para servir a militar, aí comecei a pintar o braço pra poder não servir. Meu pai era muito violento em casa, batia na minha mãe e sempre falava pra mim: “se você for na rua brigar e voltar machucado, você vai apanhar de mim de novo. (P 04).

Percebe-se que o pai na verdade exerce suas vontades por meio de represálias agressivas e que segundo Freud (1980), a criança precisa entender os limites de vida e da cultura, para que não se utilize de agressividade para educar e formar, já que ela não é necessária. O que pudemos confirmar claramente através da coleta de dados para esta pesquisa, o quanto foram faltosos os limites e os princípios culturais que pudessem regular as pulsões humanas.

Eu sempre tive apoio da minha mãe mais do meu pai não. Quando fui preso pela primeira vez, ele me soltou, foi embora da cidade e eu comecei a ser dono de mim mesmo. (P 04).

Já nesta outra parte da fala deste entrevistado, enquanto se retrata uma referência de amparo materno, não é o que ocorre sobre a figura paterna, pois percebe a ausência recorrente do pai em sua vida. Sem pai enquanto representante da lei, sem limites, o indivíduo então pode vir a ficar exposto as pulsões de morte. Segundo Ribeiro (2010) quando o sujeito promove uma marca na pele, é provável que a mesma se torne uma inscrição simbólica daquilo que restou, **de um mal-entendido na experiência com o Outro, que resta fora do registro simbólico** (grifo autor p. 63).

Conforme catalogação dos dados, este entrevistado tem ao todo 33 tatuagens e explicita que hoje se arrepende de tê-las realizado, justificando que estas somente servem para dizimar a pele. Do ponto de vista psicológico, a tatuagem ajuda a processar lutos, perdas efetivamente acontecidas na realidade do sujeito, na externalização de conflitos, na representação de estados internos de tensão e angústia, e, sobretudo, serve para conquistar a identidade em uma esperada e desejável tentativa de autoafirmação. Meio privilegiado de expressão para muitos indivíduos, a tatuagem reforça o sentido do “si mesmo” e pode ser sinal de autoestima, prova de masculinidade ou de liberação sexual para indivíduos jovens (Silva & Passos, 2016).

A marca é um limite simbólico desenhado sobre a pele [...], uma espécie de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma em uma identidade escolhida (Le Breton, 2003). A seguir, ilustram-se algumas fotos das tatuagens feitas pelo próprio participante, podendo-se observar inicialmente figuras que sugerem tentativas de demarcar movimento, força, liderança e/ ou agressividade; assim simbolizadas.

Figura 1 - Tatuagens do Participante – (P 04)



Sobre essas tatuagens o participante revela:

Achei a primeira feia, fui fazendo pra chamar a atenção do meu pai, ele acabou indo embora. Na época eu queria ser tatuador. Hoje tenho 33 tatuagens e tenho vontade de tirar tudo, vejo como uma porcária, só serve para estragar a pele da gente. Dou conselho pra quem não tem, não fazer e para quem tem parar. (P 04).

24

A partir desta fala percebe-se que os desejos ou carências psicoemocionais que impulsionaram as tatuagens permanecem, pois a angústia ainda também está presente na atualidade; conforme (Moreira, Teixeira, & Nicolau, 2010) o sujeito se esforça para exteriorizar seus afetos, fantasias e desejos, quando o corpo funciona como um meio de comunicação. A partir do excesso de informações, o bombardeio de estímulos deixa o sujeito mudo, mas seu corpo fala por meio das tatuagens, *piercings* e outras obras. Se antes ele informa que as desejava, hoje explícita que se arrepende de ter feito as mesmas, compreendendo-se que seus anseios para chamar atenção e amor do pai não foram satisfatórios.

Deste modo, a tatuagem é uma forma de inscrição da linguagem no corpo através de uma escrita singular. As tatuagens presentes na superfície da pele do sujeito revelam traços de outrora, uma lembrança, um marco, um nome, um desejo, um afeto (Macedo et al., 2014). Mas também, podem remeter aspectos negativos de serem vivenciados e então surge o sentimento de arrependimento que será enfatizado posteriormente nesse estudo.

A seguir apresenta-se outra foto das tatuagens feitas pelo próprio participante, podendo-se observar sinais de ameaça, agressividade, medo, desamparo; assim representadas e reunidas na frase escrita no punho percebe-se o seu pedido de socorro, quando ele tatua: “é muito sofrimento para um só”.

Figura 2 - Tatuagem do Participante – (P 04)



As imagens tatuadas muitas vezes acarretam experiências subjetivas vividas sob o signo da angústia, que se percebe em tentativas de apaziguamento ou de modificação da marca que parece não ter sido assimilada, incorporada e significada pelo sujeito. No entanto, o motor que impulsiona os sujeitos a realizarem as tatuagens não se encontra no imaginário e nem tampouco no simbólico, é no real que a mesma revela sua peculiaridade, e busca seu definido registro (Macedo, & Paravidini, 2015).

Na ausência da palavra, o sujeito encontra outras formas de se expressar e de afirmar sua existência para si mesmo e para os outros (Macedo, Paravidini & Próchno, 2014). Carência de identidade, desvalia, falta de pertencimento e de vinculação afetiva são caracteres para a busca de outras linguagens, como também pode-se perceber no participante abaixo:

Figura 3 - Tatuagem do Participante – (P 05)



26

Eu era fã de um grupo de REP: Facção central, eles pregavam ostentação, carros, assaltos, venda de drogas, eles eram os bichos pegando, tinham muito poder. (P 05).

Este participante traz em sua fala questões relacionadas a busca de identidade e de pertencimento pois ele fez a sua tatuagem como forma de se identificar através de um grupo musical. Este tinha uma história de superação na favela, porém por meio transgressor. O que não era percebido até então pelo mesmo já que o que o motivou foi fazer parte e ser importante num contexto.

Segundo Foucault (2013), este retrata a tatuagem como forma de registro simbólico, produção de efeitos estéticos como; beleza, reconhecimento, sensualidade, virilidade e masculinidade, observando-se mediação dos pressupostos foucatianos com os resultados. Ou seja, na tentativa de fazer o corpo entrar em contato com forças invisíveis, busca-se o registro deste como produto de suas fantasias; poder, fama, agrupamento, companhia, diferencial e realização, porém muitas vezes mesmo que inconsciente, a realização é destrutiva.

Nota-se nas falas dos demais participantes, que a tatuagem é concretizada como forma de se sentirem pertencentes de um grupo social:

Meus amigos tinham muitas tatuagens me senti parte do grupo quando fiz a minha também. (P 06).



Fazia parte de um grupo de amigos, facção de bairro onde todos tinham que fazer uma tatuagem no braço podia ser diferente mais tinha que ser no braço. (P 07).

A "escrita da tatuagem" poderia ser entendida como uma maneira de bordejar e circunscrever o gozo se tomarmos como exemplo o depoimento de sujeitos de que uma tatuagem puxa outra, que puxa outra... "dando-se a ver como uma escrita que envelope o corpo, endereça-se ao Outro e se faz traço, inscrição" (Couy, 2006). Assim, como bem percebido na tatuagem do participante (Figura 4), esta tapeçaria da pele, escrita sulcada fazendo pergaminho.

Figura 4 - Tatuagem do Participante 04 – (P 04)



27

Leopoldino e Oliveira (2006) concordam que existe influência dos fenômenos sociais na constituição do ser de um indivíduo. Uma relação que envolva no mínimo duas pessoas já pode ser considerada como uma relação social. Daí o impacto na dimensão da criminalidade, de um simples colega ou 'amigo' que convida para alguma atividade social sob a farsa de pertencimento e valorosidade, sem se quer que o delitivo perceba os rumos e consequências de suas escolhas – escolhas não realizadas.

Erikson (1976) sugere algumas características sobre grupo e as **mentes coletivas** (grifo do autor) elucidando que a maneira de pensar e de agir de uma pessoa é diferente de quando está agrupada, e que a tendência é se comportarem de forma diferente quando se estão separados e de forma igual quando em grupo. Na visão eriksoniana, quando se está em grupo, os sujeitos possuem um sentimento de poder invencível e muitas vezes têm instintos aflorados até de forma irresponsável. E ainda pode acontecer o fenômeno do contágio, que faz com que os sentimentos e atos sejam contagiosos quando o indivíduo está no grupo, quando muitas vezes o interesse coletivo sobrepõe ao interesse individual.

Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 16-35.

Construir uma identidade, para Erikson (1976), implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma compreensão de si mesmo das crenças, valores, objetivos com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. A formação desta então identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), e de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários).

Assim, a tatuagem é uma forma de inscrição da linguagem no corpo através de uma escrita singular. As tatuagens presentes na superfície da pele do sujeito revelam traços de outrora, uma lembrança, um marco, um nome, um desejo, um afeto (Macedo et al., 2014). Percebe-se na próxima fala de outro entrevistado, que o indivíduo elegeu a tatuagem como poder e força, sua arma de ataque; como se a partir da mesma ele tivesse um impulso para ter a coragem de se vingar.

Figura 5 - Tatuagem do Participante 08 – (P 08)



Fiz minha tatuagem porque sofri uma tentativa de homicídio; levei 7 tiros e para me sentir forte para me vingar eu fiz, me senti forte e motivado para ir atrás dessa pessoa que tentou me matar. (P 08).

De acordo com Pires (2005), o indivíduo então faz a tatuagem e a transfere para ela fatos, situações e memórias, se antes era apenas uma lembrança agora faz parte dele, pois está em sua pele. Meio a estes anseios percebe-se que este sujeito depositou na tatuagem do dragão, a representação da luta interna por meio de um instinto de força e proteção, porém quando a busca desse recurso interno se dá através de mecanismos fantasiosos o suporte para o sofrimento e as carências afetivas se estabelecem de forma destrutiva ou violenta.

Eu já era discriminado por se pobre, moreno, eu já não tinha nome na sociedade então pensei: vamos petecar o resto, fui fazendo as tatuagens. No mundo do crime cada dia que eu vivia era uma vitória então tatuei: VIDA LONGA na esperança de viver por mais tempo. Eu era um cara que matava e espancava, pensava: logo vou morrer. (P 01).



Já com relação ao conteúdo que este entrevistado – (P 01) traz, pode-se perceber a ocorrência de sofrimentos vivenciados em decorrência dos estigmas sociais e sentimentos de menos valia. Por relatar que vivia em condições precárias e se sentindo à margem da sociedade, suas atitudes agressivas e altamente destrutivas já que eram direcionadas ao outro, sugerem estratégias precárias para lidar com as desordens internas, apesar do desejo de viver por muitos anos mesmo sabendo que corria riscos.

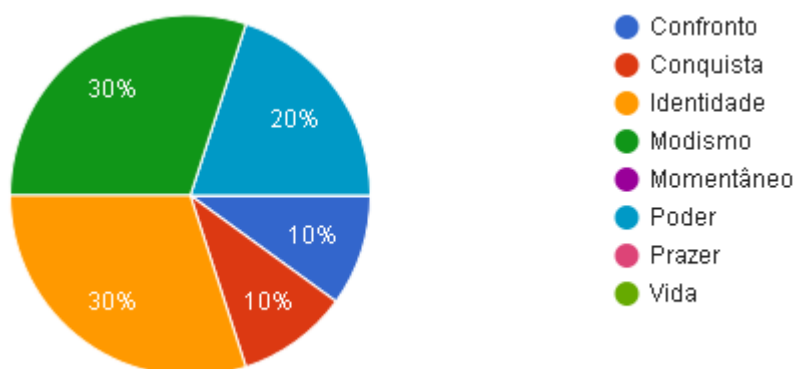
O momento em que o sujeito decide se tatuar parece dizer muito. Para Silva e Porchat (2010) as descrições do momento em que o jovem decide tatuar-se são importantes e revelam não uma imagem qualquer, mas um símbolo que represente o sujeito ou algo que lhe pareça fundamental naquele momento de sua vida. Assim, à sua revelia, sinais libidinais e interdições, identificações e repetições deixam suas marcas.

De acordo com Brousse (2014) entende-se que a relação do sujeito com o corpo é transformada, podendo gerar um mal-estar no que toca ter um corpo bem como identificar-se com este corpo que acredita possuir. É o desvelamento de um corpo orgânico fragmentado, sem o véu de uma imagem corporal única.

Quanto aos sentimentos vivenciados no ato da tatuagem, alguns participantes afirmaram terem realizado as tatuagens por desejo de seguir os modismos, por questões ligadas a busca de identidade, anseios de pertencimento a algum grupo, pelas pulsões de se sentirem reconhecidos e/ ou de suprirem suas demandas de amor. Como já citado anteriormente em algumas falas, as tatuagens traduzem algumas subjetividades como; os desamparos afetivos experimentados em tenra infância e faltas sentidas ao longo das fases de desenvolvimento humano.

Considerando essa multiplicidade de motivações e desejos intrínsecos revelados por meio das tatuagens dos recuperandos, escrita que sulca o corpo, rasura a pele e estampa a sua marca indelével. Conforme percebido nas tatuagens analisadas para este estudo piloto, estas constituem-se como insígnia na singularidade e também no coletivo dos participantes, sistematiza-se a seguir (Gráfico 2) alguns indicadores importantes na compreensão dos conteúdos psicoemocionais inscritos no “grafito corporal”.

Gráfico 2 – Sentimentos vivenciados no ato da tatuagem



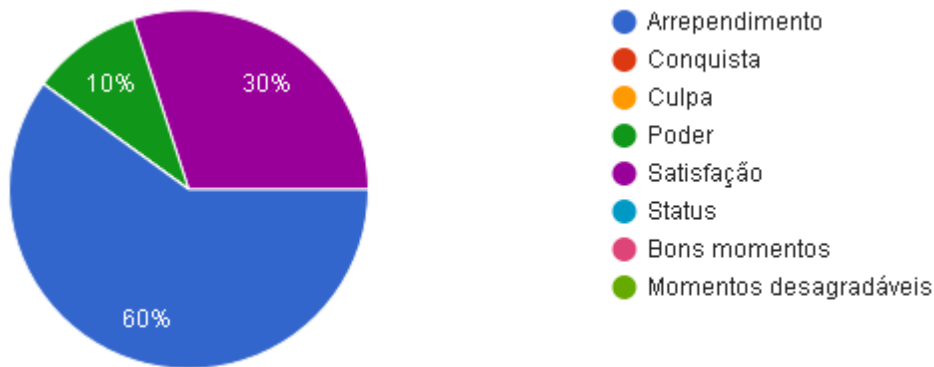
As tatuagens podem revelar várias subjetividades: união, afeto, pertencimento a algum grupo, sensualidade, luto, homenagens e uma necessidade de se fazer presente para o outro, como disse Lacan (2008) o entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros. Através do conceito de “grande Outro”, Lacan reuniu numa única direção teórica as múltiplas formas por meio das quais a palavra nos constitui: da cultura permeada de linguagem e do discurso familiar, delineando que nada mais somos do que o efeito da incidência da linguagem sobre nossos corpos e intrinsecamente cumprindo uma função erótica, de que todos aqueles que abordaram sua realidade se aperceberam.

30

Atualmente, 6 dos 10 participantes possuem sentimento de arrependimento e não voltaram a realizar mais tatuagens, alguns até mencionam que falam para quem não tem inscrição no corpo, realmente não realizar. Este sentimento de arrependimento segundo os mesmos seria porque as tatuagens os remetem lembranças de quando faziam parte de alguma facção, apologia ao crime e que segundo os mesmos são lembranças que preferem esquecer pois junto com o arrependimento carregam a culpa.

O momento de vida em que os sujeitos decidem se tatuar parece dizer muito sobre seus desejos, fantasias e memórias; à sua revelia, sinais libidinais e interdições, identificações e repetições deixam suas marcas (Silva & Porchat, 2010). Sob o olhar teórico das autoras, "o inconsciente se presentifica em imagens que condensam deslocamentos, disfarçam significantes, vozes, vestígios do inconsciente. A finalização da imagem a ser tatuada torna-se ato ficcional, peça narrativa subjetivante do sujeito" (Silva & Porchat, 2010). Quando a fantasia serve de um traço e essência de si capaz de conferir consistência à encarnação subjetiva, quando uma imagem pode representar o sujeito melhor do que ele mesmo saberia mostrar ou dizer; conforme ilustração a seguir:

Gráfico 3 – Sentimentos atuais sobre as tatuagens



É através dessa compreensão que Freud (1969) cita o sentimento de culpa em sua esfera social diz que a falta de satisfação que brota da não realização de um ideal libera a libido homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Esse sentimento ganha força segundo os entrevistados porque as tatuagens deixam profundas lembranças, e conseqüentemente olhar para elas os remetem vivenciar um período sombrio de suas vidas. As falas a seguir elucidam bem essas questões:

São desenhos fortes, infelizmente tenho que conviver com eles. Dou conselho para quem não tem, realmente não fazer. Hoje me arrependo de as ter. (P 09)
Eu podia não ter a pele manchada. (P 10).

31

Figura 6 - Tatuagens do participante 09 – (P 09)



No texto de Freud *O mal estar na civilização* (1930 [1929]), o psicanalista reconhece duas origens para o sentimento de culpa: a angústia diante da autoridade, e, posteriormente, a angústia diante do supereu. A culpa se delinea, então, não mais como um sentimento difuso, e sim um sentimento onipresente e universal: uma infelicidade interior contínua. Sobre o arrependimento Kehl (2004) revela que seria uma alternativa possível do ressentimento: aquele que se



responsabiliza por uma escolha que redundou em fracasso ou sofrimento pode arrepender-se, sem precisar culpar ou acusar alguém pelo prejuízo. Dessa maneira, o arrependimento retratado pelos entrevistados aponta para as carências de autoconsciência e precariedade sobre as consequências de uma escolha pois os erros cometidos no caminho transgressor e estabelecem através de um ciclo vicioso de angústias, culpa e arrependimento.

4 CONSIDERAÇÕES

Considerando que as tatuagens se configuram como tentativas de linguagem daquilo que os sujeitos não disseram através da racionalidade, estas inscrições simbólicas se revelam portadoras de mensagens subjetivas da vida destes e de sua história singular. As escolhas não foram gratuitas, estavam intimamente relacionadas aos momentos que os sujeitos realizaram algumas tattoos, muitas dessas ligadas à profunda angústia, sofrimento pessoal e faltas humanas.

Em muitas partes das entrevistas, os recuperandos se expressaram com receio e reserva sobre as questões do crime que cometeram e seus danos, quando percebemos que a maioria expressa arrependimento do ato delitivo e associa o período do mesmo com suas marcas, suas tatuagens. Porém, outros não informaram não terem se arrependido de as ter feito as tatuagens, denotando sentimentos de superioridade, “fortaleza” e que estas marcas fazem parte da construção do seu eu.

Também em outros relatos dos recuperandos, percebe-se que as tatuagens se revelaram como pedidos de socorro por se sentirem desamparados ou com medo dos desafios da vida. Se a realidade vivenciada no dia a dia do mundo do crime se implica imprevisível para os homens delitivos, as tatuagens eram apropriadas quase como uma insígnia ou amuleto perante o mundo.

Nessa complexa e diversificada dimensão de experiências com o trato humano, que se buscou compreender sobre as vicissitudes do comportamento do homem delitivo, retirado muitas vezes do convívio social mais se inscrevendo e demarcando seu Eu quer seja pelo simbólico através das tatuagens. Assim, considerando que a pele é o que há de mais exterior que se pode encontrar no ser e nossa camada de proteção, beleza e identidade, as tatuagens se traduzem como processos de processos de significações contadas pelo inconsciente e refletidas no exterior, transmitindo histórias e subjetividades humanas reveladoras.

6 REFERÊNCIAS

- Bastos, R. F. (2009). O corpo e a imagem: Escola Lacaniana de Vitória (Org.) *As novas doenças da alma*. (p.151) Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 16-35.



- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador - Ambiente Prisional. Brasília: Programa Nacional de DST/AIDS, abril 1996.
- Brousse, M. H. (2014). Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estágio de espelho. *Opção Lacaniana*, 5(15), 1-17.
- Carvajal, Guillermo. (2001). *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência*; tradução de Cláudia Berliner. – 2 ed. – São Paulo: Cortez.
- Couy, V. B. (2006). Do risco na parede ao traço no corpo. *Revista Travessia*, XI, 219- 225.
- Eco, U. (2007). *História da feiúra*. (E. Aguiar Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, N. P. (2007). A Literatura como escrita e como fala. In: A. Costa, & D. Rinaldi, (Orgs). *Escrita e psicanálise*. (pp. 55-63). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que demarcam corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis*. Tese de Doutorado em Sociologia Especialidade em Sociologia da Cultura e da Comunicação, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Departamento de Sociologia, Lisboa, Portugal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias: Posfácio de Daniel Defert*. São Paulo: Edições n-1.
- Freud, S. (1919a) Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: _____. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 17)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1969). O mal estar na cultura. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 65- 148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Freud, S. (1980). *"Três ensaios sobre a teoria da sexualidade"*. *Texto: Bate-se numa Criança* (Vol. 7, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*). Rio de Janeiro: Imago.
- Jacob, C. A., & Cohen, R. P. (2010). O Sujeito contemporâneo: um recorte psicanalítico. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, X(2), 537-554.
- Kehl, M. R. (2004). *Ressentimento*. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 16-35.*



- Lazzarini, E. R., & Viana, T. C. (2006). O Corpo em Psicanálise. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 241-250.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papiрус.
- Leopoldino, M. M. P., & Oliveira, C. (2006). Do social ao individual: a psicologia das massas de Sigmund Freud. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, 18(1), 137-142.
- Macedo, S., Paravidini, J. L. L., & Próchno, C. C. S. C. (2014). Corpo e marca: tatuagem como forma de subjetivação. *Revista Subjetividades, Fortaleza*, 14(1), 152-161.
- Macedo, Sybele, & Paravidini, João Luiz Leitão. (2015). O ato de tatuar-se: gozo e identificação o ato de tatuar-se. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 138-155. Recuperado em 17 de dezembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000200010&lng=pt&tlng=pt.
- Magnani, Elisangela Furlan Mansano. (2010). As interferências que o corpo sofre na body art. II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: 06 a 08 de outubro de Diversidade, Ensino e Linguagem. UNIOESTE - Cascavel / PR.
- Moreira, Jacqueline de Oliveira, Teixeira, Leônia Cavalcante, & Nicolau, Roseane de Freitas. (2010). Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(4), 585-598. <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142010000400004>
- Paraná. Secretaria de Estado da Educação. (2014). *Arte contemporânea: reflexões sobre a Body Art*. Curitiba: O Autor.
- Pérez, A. L. (2006). A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. *Mana*, 12(1), 179-206.
- Pimenta, B., & Fonseca, G. (2018). O MÉTODO APAC: o resgate da humanização no processo de cumprimento de pena de condenados. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 4(2), 42-56. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V4N2A4>
- Pires, B. F. (2005). *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: Senac.
- Ribeiro, M. M. C. (2010). As marcas corporais: o corpo como depositário das fantasias inconscientes. *Reverso*, 32(60), 61-66.
- Silva, G. F., & Porch. A. T. P. (2010). Tatuagem, Unheimliche e identificação: desvelamentos. *A Peste*, 2(2), 347-359.
- Silva, Gilberto Lucio da, & Passos, Maria Consuelo. (2016). Um lugar para chamar de seu: uso de tatuagens por adolescentes em programas socioeducativos. *Estudos de Psicanálise*, (46), 67-76. Recuperado em 17 de dezembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200007&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, G. F. & Porch a t, P. (2010). Tatuagem, Unheimliche e identificação: desvelamentos. *A Peste*, 2 (2), 347-359.



- Simões, R. (2011). A comunicação não verbal através da tatuagem. In *Anais Conferência Brasileira de Folkcomunicação* (p. 15), 14., Juiz de Fora, MG.
- SOUSA, M. M. (2015). PRT - *Programa de Remoção de Tatuagens Vinculadas ao Crime*. Tribunal de Justiça do Estado de Goiás. 1.o Juizado Especial Criminal da Comarca de Anápolis, Goiás.
- Smith, C. (2012). My tattoo may be permanent, but my memory of it isn't. In A. R. P. Robert, (Ed.). *Tattoos – philosophy for everyone: I ink, therefore I am*. (pp. 109-120). Oxford: Wiley-Blackwell.